
O impacto da figura paterna no desenvolvimento do indivíduo

Michael Luís de Alencar¹
Ramiz Candeloro Pedroso de Moraes
Centro Universitário UNIFAFIBE

RESUMO: A partir da teoria psicanalítica, a relação da criança com a figura paterna tem um grande impacto na vida e no desenvolvimento, portanto, a ausência, total ou parcial desta figura, pode desencadear diversos aspectos negativos. Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo elucidar aspectos sobre a relação da figura paterna com o desenvolvimento do indivíduo, evidenciando as transformações que ocorreram no contexto histórico e sua função na contemporaneidade. O presente estudo é uma revisão bibliográfica de artigos científicos e livros sobre a figura paterna e sua importância no desenvolvimento do indivíduo. A busca e seleção de artigos restringiu-se à consulta das bases indexadoras: SciELO, LILACS e Google Acadêmico, com os descritores: a figura paterna, paternidade, pai, papel do pai, a luz da teoria psicanalítica, que compreende o homem pelos seus processos mentais inconscientes. Durante a pesquisa, foi possível perceber que quando não se tem presente alguém que assuma a função da figura paterna de forma satisfatória, as crianças têm grandes dificuldades em seguir regras, e terão muitas dificuldades de estabelecer vínculos, baixa autoestima e problemas de confiança em si mesma. Portanto, dificilmente conseguirão transmitir aspectos opostos a esses para seus filhos, muitas vezes projetando neles seus próprios anseios e desejos.

Palavras-chave: Figura paterna, paternidade, vínculo.

The father figure significance in the individual's development

From the psychoanalytic theory, the relation of the child with the father figure has a great impact on life and development, so the total or partial absence of this figure can trigger several negative aspects. The purpose of this course conclusion work is explaining the aspects of the father figure on the individual's development, showing the changings that had occurred in history and its nowadays functions. This research is a review of the literature of scientific articles and books about the father figure and its importance. SciELO, LILACS and Scholar Google were used during the search of the articles, with keywords such as father figure, fatherhood, fathers and father's role – using, in all these cases, the psychoanalysis' knowledge, which sees unconscious mental process in human beings. Findings from the literature point when the children has no one to be, satisfactorily, on father's role, they have rule following difficulty, and will also have bonding problems, lower self steem and trusting issues, therefore, they hardly will pass the opposite characteristics through their children, projecting their own wishes and desires on them, most of the times.

Keywords: Father figure, Fatherhood, Bonding.

¹ Michael Luís de Alencar. End. Correspondência: Rua Maria Patrocínia de Carvalho, nº 745, Vila Pedigoni, CEP 14406-378, Franca, SP, Brasil, e-mail: michelhp_@hotmail.com

Introdução

A Psicanálise proporcionou, de forma revolucionária, a percepção do homem e de seu desenvolvimento psíquico, a construção e importância do vínculo nas relações – estas, que por sua vez, são temas de grandes discussões, já que esta relação está na interação do próprio eu com o outro. Freud, entre outros, explanam suas teorias sobre como se dão essas relações. As análises psicanalíticas têm como base interpretações das pulsões e do inconsciente, sendo assim, torna-se possível perceber o funcionamento e o impacto das percepções do indivíduo, mediante a sua história de vida – aspectos esses, muitas vezes, desconhecidos pelo analisado.

Freud, através dos seus estudos, propôs a teoria do desenvolvimento psicosssexual infantil e elucidou algumas fases desse processo de maturação, no qual a criança seria somente composta de energia e pulsões e, através dessas, buscaria conhecer o mundo – composto de sensações e prazeres.

Outros autores, posteriormente, discorrem também sobre os processos mentais no desenvolvimento do indivíduo e a importância das relações com figuras familiares, e quais os impactos dessas interações. Alguns autores compreendem que para um bom desenvolvimento – nos atentamos à criança – é necessário que haja uma relação satisfatória com os principais cuidadores, e quando esta – interação - falha, acarreta diversos prejuízos, muitas vezes percebidos somente na vida adulta.

Dentre as diversas formas de se relacionar dentro da teoria psicanalítica, a relação da figura paterna tem um grande impacto na vida e no desenvolvimento da criança, portanto, a ausência, total ou parcial desta figura, pode desencadear diversos aspectos negativos. Visto que, essa figura em especial – a figura paterna – tem passado por várias transformações na história, e assim teve sua função, também, alterada. Este artigo é fruto de uma pesquisa de conclusão do curso de Psicologia, tem como objetivo compreender a importância da figura paterna no desenvolvimento da criança, a luz da teoria psicanalítica, podendo assim elucidar a função paterna e sua importância.

Psicanálise e desenvolvimento infantil

Durante toda história da humanidade, o homem busca se compreender dentro dos seus próprios atos, estudando, teorizando e filosofando sobre os mecanismos da mente humana, em uma incessante necessidade de desvendar seus segredos em suas relações e vínculos. A Psicologia, enquanto ciência, também tem suas teorias a cerca desse tema: Psicologia Sócio-Histórica, Análise do Comportamento, Gestalt, Fenomenologia, Teoria Cognitiva e Comportamental e a Psicanálise.

Nos estudos de Sigmund Freud – considerado o pai da Psicanálise – o ser humano é reconhecido em primeiro momento como um complexo de impulsos ou de energias, adquiridas durante o desenvolvimento, o que ele caracteriza como evolução psicosssexual infantil, a qual divide nas fases: oral, anal, fálica, latência e genital. Em suma, é necessário saber que os processos de formações psicosssexuais estão ligados à estimulação das partes erógenas, contudo diverge da sexualidade do adulto, ou seja, a Psicanálise entende que a formação da psique infantil é composta por grande quantidade de energia e impulsos, e que o objetivo é proporcionar prazer e satisfação. Porém, essas energias ainda estão espalhadas pelo corpo do bebê, proporcionando prazer conforme sua consciência do próprio corpo. Podendo, assim, dizer que a criança começa a tomar consciência do seu corpo por estágios, e posteriormente começa a juntar/condensar e concentrar essas energias na zona sexual, mais conhecida como “primazia genital” (Estevam, 1992).

Freud define que a fonte corporal de excitações pulsionais está relacionada ao estágio em que a criança se encontra. Na primeira fase, essa fonte estaria relacionada predominantemente na “zona bucal” – fase oral – que é por onde é feita as primeiras experiências do bebê com o mundo, desde a sucção do seio/alimento à estimulação da mucosa e suas correlações, por exemplo: boca com os dedos, lábios com os lábios, boca com seio etc. (Kusnetzoff, 1982).

A segunda fase – fase anal – se caracteriza no ato de defecar, pois mesmo que essa função esteja ativa desde o nascimento do bebê, somente nessa fase – pois até o presente momento não tinha condições neurofisiológicas de amadurecimento - o bebê adquire controle sobre os esfíncteres e controle motor geral, ou seja, a sensação de domínio e satisfação na “expulsão e na retenção” de algo, tendo uma maior compreensão de interno e externo. A terceira fase – fálica – é o momento em que as

energias pulsionais estão concentradas nos órgãos genitais – porém não se trata de genitalização verdadeira, ou seja, seria a descoberta do órgão genital – ênfase no órgão masculino – e a diferença entre os órgãos masculinos e femininos (Kusnetzoff, 1982).

A latência é um período compreendido como fase de inibição, pois se começa a apresentar uma maior vergonha das próprias pulsões, começam a ficarem mais exigentes esteticamente e o senso de moralidade aumenta, bem como todas suas energias e pulsões sexuais. São direcionadas para outros campos de sua vida, deixando questões sexuais para outro momento: a adolescência (Correia & Pinheiro, 2013). E por fim a fase genital, que é representada por um momento específico, a adolescência – em que a criança consegue direcionar-se ao outro, ou seja, esse período a criança começa a atribuir sentido e significado na relação com o outro, e o mesmo funcionamento se dá quanto à sexualidade, assim estão mais aptos para reprodução (Faria, Nantes & Aguiar, 2015).

Para Freud o complexo é estabelecido numa tríade, entre a mãe, pai e o bebê, para que haja uma similarização dos papéis, para que estes sejam internalizados pelo bebê - essa tríade não necessariamente necessita ser formada por pai (homem), mãe (mulher) biológicos, e sim, alguém que assuma essa função. É de suma importância que essa tríade seja estabelecida, pois somente através desta é que o a criança realizar as identificações superegoicas.

Em um segundo momento Freud completa a sua teoria, dizendo que o aparelho psíquico é composto por três instâncias: id, ego e superego. O Id é considerado com uma instância psicobiológica, onde nascem todas as energias, pulsões e instintos; o Superego fica a cargo dos princípios morais, as leis e as regras compostas pela própria experiência de cada indivíduo; e o Ego age como mediador das duas instâncias – Id e Superego (Kusnetzoff, 1982). Partindo dessa perspectiva, Freud, relata em seus estudos que o bebê ao nascer é puro id (ou seja, impulsos instintuais), e que seu ego e superego ainda estão se formando, essa formação começará a partir das relações/identificações dele com o mundo internalizando assim o superego dos pais – pois o mundo e ele são a mesma coisa – e os pais ficam incumbidos de apresentar esse mundo.

Bowlby (2006) descreve que a relação do bebê com os familiares é de extrema importância para um bom desenvolvimento e que esses

cuidados, quando efetivados com qualidade, promovem uma relação acolhedora, íntima e frequente com a mãe. Brum e Schermann (2004) evidenciam que alguns teóricos - Bowlby, Freud, Erikson, Spitz e Winnicott – apesar de abordarem suas teorias de formas distintas, concordam que a relação com mãe nos primeiros meses/anos de vida é de essencial importância para seu desenvolvimento – físico e emocional – e que uma falha nessa relação pode trazer diversos prejuízos ao bebê nesse processo. Contudo, é notável que grande parte dos estudos estão direcionados a relação do bebê com a figura materna, e a figura paterna é somente evidenciada num segundo momento na vida de ambos – mãe e bebê.

Klein (como citado em Petot, 2003) diz que o bebê quando lactante cria fantasias de rivalidade com seus pais (maus), e goza da possibilidade que crescerá e que será forte e seus pais serão fracos e velhos, assim podendo atingir o triunfo, uma revanche pelas suas frustrações, contudo com o desenvolvimento do bebê, ele passa a unificar os pais bons e maus, criando um sentimento de culpa decorrente de suas antigas fantasias.

O contexto histórico da figura paterna

Em uma perspectiva histórica, o termo pai, já utilizado no antigo Egito, era usado para referenciar-se ao pai na terra e seus ancestrais, visto que a visão do termo era de provedor, capaz de suprir as necessidades dos filhos. Assim, vários Deuses daquela época eram denominados com essa nomenclatura, variando seus adjetivos, contudo, possuindo o mesmo significado, por exemplo, na Suméria antiga, os sentidos eram de progenitor, chefe da casa, pai da terra, criador do mundo etc. (Silva, 2007). Outra nomenclatura utilizada também, porém mais destinada às pessoas físicas, era o termo *abu*, cujo o seu significado era rei, administrador, mestre ou oficial (Silva, 2007. p. 22).

Assim o termo pai, empregado dentro dos conceitos religiosos, ganha mais um novo significado, começa a ser sinônimo de justiça, bondade e piedade, uma vez que se espera isso de Deus e, conseqüentemente, de um pai. Em outras regiões do mundo, o termo “Pai” contém a mesma essência, mesmo que carregado de outros adjetivos, em suma o termo representa não só a figura de pai – resumindo-se apenas ao genitor – e sim aos que antecederam a eles (Silva, 2007).

Silva (2007), que evidencia o percurso histórico da figura do pai, ressalta que na Grécia era mais visível a existência de um sistema patriarcal, guiados pelas crenças dos deuses – Zeus, a quem todos deveriam obedecer, sua autoridade paterna sem contestação. Sua ameaça despótica ilustra o quadro (João Paulo II, 1999 como citado em Silva, 2007. p. 27).

Durante o período arcaico da história, é possível perceber que a figura do pai era vista como o salvador, o heroico e a encarnação familiar de Deus, que opera a justiça, a força dentro do seu reino – a casa em que reside – sendo o detentor do saber, capaz de designar ordem, saber e castigos (Fernandes, 2007).

A paternidade vem sofrendo alterações em seu significado drasticamente ao longo do tempo. No passado, em meio ao século XVII e XVIII, a figura paterna era responsável e provedor do alimento, educação religiosa e moral dos filhos; a partir da revolução industrial – momento em que o homem deixa o campo – não conseguindo conciliar tempo para o trabalho e a família, ingressando na indústria, passando assim maior parte do tempo trabalhando, deixando a cargo da mulher a tarefa de educar (Coley, 2001 como citado em Willians & Aiello, 2005).

O pai na contemporaneidade

Fernandes (2007) cita em seu trabalho questões sobre a figura paterna e sua função dentro da contemporaneidade, evidenciando que a modernidade está passando por transformações, cujos papéis estão sendo terceirizados, ou seja, essas figuras e suas receptivas funções estão sendo direcionadas para outras pessoas, e com essas disfunções dos papéis, estes estão confusos. Bauman (1998) em o mal-estar da pós-modernidade, relata que estamos em momentos líquidos e superficiais, em que as pessoas estão em uma busca incansável pela felicidade, voltando-se para si mesmos e ignorando funções referentes ao outro.

Já Benczik (2011) concorda que as funções, principalmente a paterna, estão sendo modificada dentro da nossa sociedade, contudo relata que o pai está se tornando mais presente na vida de seus filhos, com intuito de não repetir o modelo de pai distante e frio que antes era comum. Nessa perspectiva Reaburn (2015) também comenta sobre os pais que não querem reproduz o mesmo pai que tiveram, e mostra em sua análise que a família

também está passando por mudanças e que isso facilita que esse desejo de ser um pai diferente seja concretizado, uma vez que nos tempos atuais, a mulher tem mais oportunidades de trabalhar fora e assim contribuir para renda da família, deixando o homem menos sobrecarregado com a responsabilidade total das finanças.

Ambos os autores discorrem sobre os sentimentos de abandono e rejeição que esses pais – contemporâneos – sentiram na relação com os próprios pais, não estabelecendo uma relação de confiança, em que não conseguiam e/ou estariam à vontade para conversar sobre aspectos emocionais, angustias e medos. Benczik (2011) diz que esse modelo de pai moderno, seria uma busca pela própria infância, na tentativa de viver aquilo que lhe foi negado.

Em contrapartida, temos os pais estereis, aqueles que se encontram incapazes de amar os filhos, assim não conseguindo desfrutar da paternidade, pois não sentem como se os filhos fossem seus, entregando essa responsabilidade à mãe, acreditando que somente ela teria o direito a maternidade. Aberastury e Salas (1985) explicam isso dentro da tragédia de Édipo, falando que o pai teme ser destruído pelo próprio filho, o transformando em uma ameaça, pois acredita que, ao investir seu amor no filho, estaria roubando-o da mãe o direito à maternidade, assim causando-lhe uma estranheza frente ao filho, podendo evidenciar aspectos mal resolvidos no próprio complexo de Édipo.

Na pesquisa de Borsa e Nunes (2011) foi verificado que ao longo da história sempre foi dado mais evidencia sobre a importância e a relação da mãe com o bebê, e que essa supervalorização da maternidade pode de certa forma afastar e/ou dificultar que os pais assumam essas funções paternas. Ramires (1997 como citado em Borsa & Nunes, 2011) diz que para que essas relações de papéis sejam favoráveis, a mãe teria que oportunizar mais a participação do pai, uma vez que ela tem uma resistência de abrir mão do monopólio da maternidade, pois se trata da função social dada a mulher e que é supervalorizada socialmente, trazendo uma ambiguidade nos seus sentimentos, que ao mesmo tempo reivindicam uma participação maior do pai e um temor em compartilhar essa criação com ele.

A função paterna para a psicanálise

É importante ressaltar que há, embora tênue, uma diferença entre os termos “Pai” e a “Figura Paterna”. O termo “pai” é designado a quem representa essa figura paterna, mas não necessariamente quem a executa é o pai. Em outras palavras, o pai seria uma representação física da função, enquanto a figura paterna está mais atrelada no simbolismo ao qual representa. O pai é uma metáfora. Uma metáfora, o que é isso?... É um significante que vem no lugar de outro significante. [...] O pai é um significante que substitui outro significante. E é este o motor, e o único motor essencial do pai enquanto interventor no Complexo de Édipo. (Lacan como citado em Dor, 1991, p.45).

Para Dor (1991) e Winnicott (2005) a função paterna tem como objetivo propiciar um ambiente seguro para que a mãe/figura materna possa estruturar um ambiente favorável para o bebê, ou seja, executar o papel de mãe “suficientemente boa”, que consiga conter as angústias do bebê.

Winnicott (2005) diz que uma “mãe não suficientemente boa” colabora para que a criança não atinja uma personalização adequada, propiciando que ocorra uma cisão entre suas fantasias e a realidade que ainda está por construir. Consequentemente a possibilidade de a figura materna exercer adequadamente seu papel está ligada a forma com que o pai exercerá o seu.

Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, os papéis atribuídos, como materno e paterno, têm uma nova perspectiva, exigindo uma divisão maior das responsabilidades com os filhos (Cia, Willians & Aiello, 2005). Dessas primícias compreende-se que ambos os papéis se misturam em suas definições, uma vez que na ausência de um, o outro deveria assumir também esse papel.

Freud utilizou o mito de Édipo para ilustrar sua teoria sobre o pai e sua função, percebe-se na sua explicação que o papel do pai – ou função paterna – é trazer a criança à realidade e conter os impulsos “incestuosos” para com a figura materna. E que essa relação se dá por meio de uma mistura de sentimentos oriundos da criança, como por exemplo, amor pelo pai que representa a idealização de força e o ódio por roubar o outro objeto de amor – a mãe (Silva, 2007). O complexo de Édipo foi baseado no mito do herói Grego Édipo de Sófocles – trata-se de uma tragédia Grega, em que o filho (Édipo) mata o próprio pai (Laio) e casa com a mãe (Jocasta). Embora haja muitas versões fragmentadas sobre esse mito, Aberastury e Salas (1985, p. 43-68) discorrem de forma bem ampla sobre essa história,

trazendo aspectos pouco mencionados na narrativa, como por exemplo, que Laio foi expulso de Tebas, por conta de seus excessos de uma vida depravada, refugiado em Pélope, e que a ele foi confiado a criação de Crisipo, filho do rei e amigo de Laio. Contudo, Laio perverteu Crisipo e o raptou, assim sendo amaldiçoado pelo rei de Pélope, que não tivesse filhos, pois se tivesse, esse seria o causador de sua morte. Tempos depois, Laio casou-se com Jocasta e voltou para Tebas, e aflito pela maldição consultou um oráculo que a confirmou.

Laio e Jocasta tiveram um filho, ao qual entregaram a um empregado com a ordem de sumir com a criança, que assim o fez. Édipo foi criado pelo rei de Corinto e ao saber que não era filho legítimo procurou também um oráculo, que lhe disse que por ele se daria a morte de seu pai e que casaria a própria com sua mãe; transtornado e com medo da profecia, pois amava os pais, fugiu para Tebas, onde encontrou Laio e em uma discussão o matou; assim Jocasta viúva, foi oferecida como prêmio a quem livrasse Tebas da praga e Édipo assim o fez ao resolver o enigma da Esfinge – desse modo, casou-se com sua mãe e tornou-se o rei de Tebas; tempos depois, descobre sobre sua origem, horrorizado, arranca os próprios olhos e Jocasta se enforca.

Aberastury e Salas (1985) comentam sobre uma perspectiva diferente sobre o complexo de Édipo; dizem que Freud se ateve apenas nos sentimentos do filho frente a situação do pai castrador, deixando de lado a chave principal dessa teoria que seria o pai e seus sentimentos diante da paternidade e do que ela significa; e que o pai é de fundamental importância para um bom desenvolvimento de identidade genital da criança, contudo o pai ausente, ou psicologicamente fraco ou incapaz de assumir tal paternidade, pode acarretar nos filhos um déficit dessa identidade. Enfim, a figura paterna tem a função de estabelecer a realidade da criança, rompendo a relação simbiótica entre o bebê a mãe, ou seja, o pai seria o primeiro “outro” no mundo da criança, que mostraria a ela que existe um mundo externo e a mãe não seria uma extensão dele (Gomes & Resende, 2004).

Métodos

O presente estudo é uma revisão bibliográfica que objetivou a busca, seleção e também a análise de artigos científicos e livros sobre a figura paterna e sua importância. A busca e seleção de artigos restringiu-se à consulta bases

indexadoras: SciELO, LILACS e Google Acadêmico, com os descritores: a figura paterna, paternidade, pais, papel do pai. O papel do pai na contemporaneidade traz bastantes reflexões, diante da nova composição da família e as transformações históricas da atuação dessa figura, e com intuito de compreender como essa função se dá dentro contexto familiar, essa pesquisa buscou basear seus estudos na teoria psicanalista, visando compreender os entrelaces dessa relação pai-bebê tão pouco comentada.

Resultados e Discussão

Muza (1998) mostra em sua pesquisa que um relacionamento positivo com os pais (mãe e pai) é de suma importância para o processo de separação-indivuação; sua pesquisa aponta também que crianças que não têm uma convivência significativa com o pai, têm maior dificuldade de identificação sexual, de estabelecer limites e reconhecer regras sociais.

Benczik (2011) também relata sobre todos os prejuízos causados pela ausência total ou parcial da figura paterna no desenvolvimento da criança. Em sua pesquisa é evidenciado que as crianças criam fantasias acerca dessa ausência ou distanciamento, tais como, por exemplo, de não serem amados e desejados, assim comprometendo sua autoestima e confiança em si.

Os autores – ainda que haja poucas pesquisas – relatam sobre as problemáticas causadas nas crianças que vivem sem a presença do pai, porém não se atentaram para o fato de que esse processo poderia estar ligado a uma reprodução da própria infância, ou seja, os pais de hoje que são ausentes, são aqueles cujo o pai também foi ausente ou insuficiente para seu desenvolvimento, assim sentindo incapaz de ser um bom pai, uma insegurança paterna. Como já citado nessa pesquisa, muitos buscam recuperar a própria infância ao terem um filho.

Aberastuy e Salas (1985) descrevem sobre o peso da paternidade, em pais jovens, que têm que crescer a ajudar um ao outro a crescer; o pai maduro, que tende a prolongar a própria vida através do filho; o pai com vários filhos que necessita adequar-se as diferentes idades, sexo e situações individuais de cada filho. Afirmam ainda que o segredo da paternidade é “ter tempo para estar em contato com o filho e registrar as mudanças, ter flexibilidade suficiente para adaptar-se às novas

necessidades e ajustar a cada período o tão difícil equilíbrio entre permitir e proibir” (Aberastuy & Salas, 1985, p.85).

Pensar nesse funcionamento repetitivo entre as gerações – considerando a possibilidade da quebra dessa tradição – pode-se refletir que essa ausência da figura paterna pode acarretar uma negação no processo de vinculação com o outro, encontrando dificuldades em participar da vida dos filhos. Andrade (2008) relata que alguns funcionamentos mentais, tem como base a negação do outro, pois está voltado apenas para si mesmo e considera que não é importante para ninguém e em consequência também nega a importância do outro, uma vez que não consegue reconhecer o outro e nem a si mesmo, visto que este não se sente inteiro.

Mecanismo esse diferente nas famílias em o pai está sempre presente na vida dos filhos, estabelecendo um vínculo saudável, em que a criança se sente segura e confiante, conseguindo estabelecer intimidade com os pais e aptos para explorar o mundo e poder voltar em segurança (Benczik, 2011).

Já conforme Klein (1970) o pai bom e que ele sempre está buscando ajudar os filhos no seu desenvolvimento e nas suas dificuldades, mas também está reeditando a própria infância de maneira mais satisfatória; buscando reparar/consertar o pai internalizado que foi destruído ou danificado em suas fantasias.

Partido da perspectiva kleiniana, as crianças que não tiveram a presença da figura paterna, podem internalizar o pai mal, levando ao sentimento de rejeição e de desprezo pela figura amada, gerando mecanismos de defesas em que quando adulta passam grande parte da vida buscando realizações excessivas e irrealizáveis, nunca conseguindo alcançar de fato seus desejos, desdenhando, rejeitando e se afastando de suas conquistas, assim estaria sempre buscando o amor que lhe faltou na infância, procurando preencher os vazios que não consegue lidar. Por outro lado, quando essa voracidade aliada de outros recursos internos positivos, pode dar vazão a um bom desenvolvimento próprio, evitando projeções no próprio filho.

E por fim, Raeburn (2015) usa termo orfandade paterna para crianças que cresceram sem a presença do pai, tem uma predisposição a se envolverem em crimes, gravidez na adolescência, depressão e/ou uso de substâncias psicoativas. Sena, Machado e Coelho (2006) relatam que o pai é

sinônimo de lei para o desenvolvimento da criança, e sua figura funcionaria como superego, corrigindo suas fantasias sobre o real e o imaginário, o separando da relação simbiótica com a mãe e integrando ela na sociedade.

Considerações Finais

De acordo com os dados analisados sobre a figura paterna, é evidente a importância do papel paterno no desenvolvimento da criança e os vários prejuízos quando este não está presente nesse processo. Com base nos artigos e livros pesquisados é importante ressaltar que mesmo havendo vários autores que discorrem sobre o tema, esse se encontra em desfalque, apresentando as mesmas possibilidades e teorias; fato importante também e pouco retrato por eles é o significado da paternidade para esses pais, de acordo suas vivências sobre o tema.

Nesse processo em colocar as falhas de muitos pais em relação aos seus filhos e todos os prejuízos advindos dessa ausência, poucos se ativeram nos motivos que levam esses pais a serem ausentes, e como essa repetição geracional ocorre, assim deixando subentendido a culpabilização do pai atual, esquecendo que este um dia foi filho e que teve suas fantasias negadas. Assim, pode-se perceber que as crianças as quais ninguém assume o papel de figura paterna, terão muitas dificuldades de estabelecer vínculos, autoestima e confiança em si mesma, portanto dificilmente conseguirão transmitir esses aspectos para seus filhos.

Durante a pesquisa também ficou claro que a figura paterna tem tido muitas alterações durante a história, e essas transformações tem levantando diversas problemáticas, visto que no passado a paternidade tinha como princípio a lei, a moralidade; e nos tempos atuais lhe é atribuído e cobrado além destes, outros atributos como, por exemplo, presença na vida criança, ou seja, uma participação ativa e interacional com a criança. Diante dessas perspectivas é possível dizer que o papel do psicólogo que trabalha com essas questões tão diretamente, seria a reconstrução dessa figura paterna, construir de forma positiva aspectos deficitários do seu paciente e assim que este consiga lidar com essa ausência sem grandes danos.

Referências

- Aberastury, A., & SALAS E. J. (1985). *A paternidade: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andrade, S. H. (2008). *Depressão: da solidão dolorosa ao encontro responsável*. Ribeirão Preto – SP. Material didático produzido para o curso de extensão psicanalítica – Suad Haddad em 24.08.2008. Recuperado em 01 junho, 2016, de <http://www.cursosuad.com.br/wp-content/uploads/2015/11/Texto-Depressao-Suad.pdf>
- Bowlby, J. (2006). *Cuidados maternos e saúde mental*. (5a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Benczik, E. B. P. A (2011). Importância da Figura Paterna para o desenvolvimento Infantil. *Rev. Psicopedagogia*. 28(85), 67-75.
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da paternidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicol. Argum*, Curitiba. 29(64), 31-39.
- Brum, E. H. M., & Schermann, L. (2004). Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. *Ciênc. saúde coletiva*, 9(2), 457-467.
- Cia, F., Willians, L. C. A., & Aiello, A. L. R. (2005). Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 225-233.
- Corrêa, C. R. G. L., & Pinheiro, G. S. (2013). Período de latência e tempo para compreender nas aprendizagens. *Psicologia em Estudo*, 1(18), 61-69.
- Dor, J. (1991). *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Estavam, C. (1992). *Freud: vida e obra*. (20a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Farias, T, M. S., Nantes, E. S., & Aguiar, S. M. (2015, abril). Fases Psicosexuais Freudianas. *Anais do Simpósio internacional de educação sexual*, Maringá, PR, Brasil, 20.
- Fernandes, C. S. (2007). *O lugar do pai na contemporaneidade*. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências da Saúde (FACS), Brasília, DF, Brasil.
- Klein, M., & Rivieri, J. (1970). *Amor, ódio e reparação*. (4a ed.). Brasil: Imago.

Kusnetzoff, J. C.(1982). *Introdução à psicopatologia psicanalítica*. (9a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Muza, G. M. (1998). Da proteção generosa à vítima do vazio. In L. Silveira. *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Petot, Jean-Michel. (2003). *Melanie Klein II*. São Paulo: Perspectiva.

Reaburn, P. (2015). *O novo papel do pai: A ciência desvenda o impacto da paternidade no desenvolvimento dos filhos*. (1a ed.). Rio de Janeiro: Harper Collins.

Sena, I. J., Machado, T. R. C., & Coelho, M. T. A. D. A. (2006). A delinquência Juvenil e suas relações com figura paterna. *Revista SEPA – Seminário Estudantil de Produção Acadêmica*, 1(10), 1-11.

Silva, J. M. (2007). *O lugar do pai: uma construção imaginária*. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Winnicott, D. W. (2005). *A família e o desenvolvimento individual*. (3a ed.) São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em 23/03/2017
Versão final em 30/09/2017
Aceito em 19/10/2017